



# ARTIGOS

## RESUMO

O pesquisador conta com palavras e imagens a sua experiência significativa no contexto do PROEJA-Transiarte, uma pesquisa-ação com estudantes de EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Centro de Ensino Médio 03, na cidade de Ceilândia, Distrito Federal. Usando da apreensão e elaboração dos fragmentos da realidade vivida em forma de narrativa, essa pesquisa se concentra na percepção do educador sobre os espaços de relações presenciais e virtuais. A narrativa dessa experiência transportará o leitor no espaço-tempo da pesquisa para os momentos mais significativos sob a forma de fragmentos, na dimensão estética e existencial do olhar do pesquisador. Para esse momento, propõe-se a discussão sobre os espaços urbanos vivenciados como lugares e não lugares.

## Palavras-chave

narrativas urbanas, experiência, Ceilândia, Educação de Jovens e adultos, Educação Profissional, transiarte,.

Estou na escola, Centro de Ensino Médio 03, Ceilândia. É tarde da noite.

SOBRE LUGARES E NÃO-LUGARES  
Aline Stefânia Zim | Professora do CAU UCB

Dizem que a estação de metrô é próxima dali. Alguns quinze ou vinte minutos de caminho andado, com direito a uma boa conversa. A carona percorreu o corredor, parou em algumas portas de salas de aula, passou pela direção e, algum tempo depois, pela porta da escola. O portão de ferro com a pequena janela é por onde o guarda que protege se protege do incerto, que certamente espreita lá fora.

Chega a rua, e a carona tranquila convida, como num passeio de interior: caminhada na pracinha da cidade tomando sorvete. Nem pracinha, nem sorvete, a rua ofereceu para nós a falta, a dúvida e a incerteza em tons de cor de asfalto. Segundo Jane Jacobs, em *Morte e Vida das Grandes Cidades* (1961),

46

*as cidades são imensos laboratórios de ensaio e erro, fracasso e êxito, em tudo que se refere a urbanização e desenho do habitat humano. (...) As partes reconstruídas de uma cidade e os intermináveis prolongamentos que as asfixiam, reduzem ela e seus campos circundantes a um purê monótono e carente de toda virtude nutritiva (p. 10).*

E acrescenta que “são as áreas mais urbanizadas que estão decaindo; as áreas mal desenhadas resistem a cair”. Quando a autora usa o termo “áreas mal desenhadas” ela está se referindo às áreas apropriadas por seus habitantes e moradores numa dimensão mais espontânea ou histórica. A minha primeira impressão da cidade de Ceilândia foi de monotonia e aridez geradas por um traçado imposto aos seus moradores, num silêncio acomodado.

Continuamos. Logo à frente, do outro lado da avenida, uma rua de sombra que não me convida. As luzes da rua vêm do alto; dão um tom amarelo bucólico ao calçamento disforme. A luz de rua amarela distorce as cores das coisas. Parece foto antiga, mas sem a nostalgia, sem o romance do cinema mudo. São os muros pichados e aparentemente esquecidos que denunciam esse presente. Mesmo assim, ao longo do caminho, sinto no quase silêncio desse lugar a presença de quem mora, de quem passa e de quem nos vê.

Seguimos pela rua. A calçada não dá passagem: tem carro estacionado e gente conversando. São carros e pessoas paradas. Algumas na conversa de esquina, como num encontro marcado; outras nas sinucas de garagem, cantando alto música de sertanejo. Estão ali, quem sabe, para olhar o movimento. Mas a rua de movimento só tem eles mesmos: os moradores, os olhos da rua.

Passamos por dezenas de muros marcados: grades, portões e cadeados. Prestando atenção, consigo ver as luzes tímidas no interior das casas. Pouco se vê entre as fachadas escondidas pelas grades e portões.

Rumo à estação metropolitana, vamos pela rua, desviando de carro, bicicleta e alguma outra coisa que não se vê. Do interior da Bahia ao nordeste do Rio Grande do Sul, a conversa encurtou o caminho. A cidadezinha baiana de quinhentos anos que não mais cresceu por um instante pa-

recia maior que a capital cinquentona<sup>1</sup> .

No fundo da rua vejo os muros brancos imponentes da via metropolitana. Destoam da cor do asfalto mal iluminado do caminho que até agora percorri.

“A minha janela dá vista para o metrô. Os barulhos dos trilhos fazem parte do meu dia-a-dia. Como um tic-tac mais espaçado do ir e vir do metrô.” Alguém poderia dizê-lo. Mas ao passar por ali, o que ouço na verdade é o barulho da rua, das pessoas que estão lá. Entre uma mesa de sinuca e uma conversa de esquina, são os moradores que espreitam, protegem e cantam as suas alegrias.

Buscando o olhar solidário da pessoa querida chegando de longe, a rua é feita de caminhos e caminhantes.

A rua margeada por muros e grades ao mesmo tempo nega e acolhe o cotidiano de vida e de morte, presença e ausência. A mesma rua que protege, expulsa; depois abriga. É vida, família, trabalho e sonho que se vê pelas janelas. São luzes aquecidas pela presença e memória, que não alcançam a rua, mas espreitam para ela – são os olhos da rua.

De barulho, buzinas e vozes cruzadas é feita a música da rua, que se confunde com a própria vida das pessoas. Essa música também chega lá, no lugar onde se vai para estudar.

---

1            Aqui faço uma analogia de uma cidade histórica do interior da Bahia e Brasília, a cidade “cinquentona”. Para o baiano essa cidadezinha é maior em seu significado.

À noite, os corredores da escola são pátios escuros. As salas de aula são decoradas com portas de aço e cadeados. Portas que sob uma luz fraca lembram as casas de interior. As pessoas sentam-se nas carteiras, com suas histórias para contar. Mas vejo muitas se calarem no próprio pensamento, também disposto em fila.

Por um instante, visito as minhas memórias de criança, quando visitava a casa de meus avós, no interior, numa colônia de imigrantes. Uma casa solitária de vizinhança, perdida de Deus na escuridão da noite. É a segunda das três casas que fazem parte da história da família.

Olho por uma janela pequena e barulhenta; a música da noite ensurdece. Meus sentidos são transportados e sinto a escuridão engolindo a minha curiosidade de criança. É a natureza que se faz presente e poderosa. As lâmpadas são quentes e ofuscantes, mas nem ousam brincar com a noite. Penduradas no teto alto de forro de madeira pintada de verde fazem combinação com as paredes. Já é hora de deitar, mas o barulho dos grilos mantém olhos e ouvidos abertos numa hipnose sem fim.

O chão reclama do caminhante; a cama geme num chiado de doer, tão duro é o colchão de palha. Fecho os olhos e sinto o cheiro forte de lençol de algodão branco quarado no sabão de porco. Para quem acredita no sol do dia seguinte, a noite é feita para dormir.

As salas de aula azuis e os corredores de sombra a céu aberto fazem lembrar do chiado da noite que fazia pequena a casa de madeira dos meus avós. A mesma noite que faz da escola uma ilha: a rua lá fora é o limite, onde as sombras se deitam nos muros, afastando a luz. Nas costuras entre as memórias e as percepções do pesquisador, a escola se faz, acontece; é cheia de vida e memória.

De repente a música alta avisa o intervalo. Hip-hop dos mais atualizados invade os corredores e as salas de aula. Há um aparente respeito pela manifestação. E todos seguem para o pátio, que é a rua da escola.

A entrada da estação do metrô é o portal que dá acesso à metrópole. É o monumento às promessas em tempos de eleição. Tão bonita e iluminada, faz acordar os olhos como o flash da câmera fotográfica. Ali é o espaço transitório dos bilhetes e catracas onde as pessoas adquirem uma identidade provisória. Trata-se, segundo o pensamento do antropólogo Marc Augé (1994), um não-lugar.

*O passageiro dos não-lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Esperando, obedece ao mesmo código que os outros, registra as mesmas mensagens, responde às mesmas solicitações. O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude (p.95).*

O usuário tem uma relação contratual com a estação de metrô. Ela o convida a flunar amigavelmente pelos seus amplos

corredores e galerias, dispostas sempre com uma intenção bem definitiva: a de chegar lá. O passageiro a princípio não quer se demorar.

*Assaltado pelas imagens que difundem, de maneira superabundante, as instituições do comércio, dos transportes ou da venda, o passageiro dos não-lugares faz a experiência simultânea do presente perpétuo e do encontro de si (AUGÉ, 2008, p.95).*

Novos acessos para as mesmas rotinas, a estação representa o ir e vir; o vai e vêm das pessoas que têm pressa e que parecem cansadas de viajar. Esse corre-corre compõe uma música de fundo onde as vozes não são humanas, são vozes que vêm dos trilhos. As pessoas não se falam e também não se olham. É um lugar de encontro-desencontro de rotinas compartilhadas no silêncio desse instante fugidio.

Quase distraído, o candidato a passageiro – porque ali, de certo modo, o usuário do não-lugar é obrigado a provar sua inocência (AUGÉ, 2008, p.94) – segue os indicadores do chão e as setas nas paredes. Ele é o transeunte que, por um lado, “se sente olhado por tudo e por todos, simplesmente o suspeito; por outro, o totalmente insondável, o escondido. Provavelmente é essa dialética que O homem da multidão desenvolve” (BENJAMIN, 1994b, p.190). Ele “só conquista seu anonimato após ter fornecido a prova de sua identidade, de certo modo, assinado o contrato” (AUGÉ, 2008, p.94).

O pesquisador se vê conversando e passeando na estação de metrô Guariroba.

Conhecidos, amigos, parentes; não sei. As pessoas dali, no hall de entrada da estação, estão em casa. Fazem da estação fria, de mil azulejinhos<sup>2</sup> nas paredes, uma esquina. Lugar de prosear. Eu, proseando, segui longe até o interior da Bahia e esqueci por um momento que estação de metrô é um não-lugar. Se “A rua é transformada em espaço pelos pedestres” (Orthof, p. 83), então aquela estação de metrô é a própria extensão da rua.

Sigo na minha pressa até chegar lá e subo a escadaria que dá acesso ao embarque. Os ouvidos esperam tudo, menos aquele silêncio de fábrica encerrado o expediente. Mil azulejinhos, e a estação se abre para a cidade vazia. Lá fora, aquelas mesmas e bucólicas luzes amarelas refletidas pelo asfalto.

Na espera do metrô, fone de ouvido com música alta para cortar essa poesia de fim de noite que tem uma cor estranha – não consigo descrever. Olho para o lado, alguém compartilha a ideia da música alta. Mas eu não ouço a música outra. Fico imaginando que tipo de música essa pessoa ouve enquanto espera sua hora de ir para casa. Respiro aliviada. Não estou fazendo nada demais. Fazendo o que os outros fazem, estou ao mesmo tempo isolada e conectada na urbe.

Estranhamente, as pessoas se identificam com o não-lugar que é a estação, pois ali se delicia num instante de anonimato de uma experiência solitária e coletiva ao mesmo tempo. Com seus fones de ouvi-

<sup>2</sup> Pastilhas cerâmicas que revestem as paredes no interior das estações de metrô no Distrito Federal

do, cada um ouve a sua música, como se quisesse avisar: “favor não incomode!”.

*É com uma imagem de si mesmo que ele se acha confrontado em definitivo, mas uma estranhíssima imagem, na verdade. O único rosto que se esboça, a única voz que toma corpo, no diálogo silencioso que ele prossegue com a paisagem-texto que se dirige a ele como aos outros, são os seus – rosto e voz de uma solidão ainda mais desconcertante porque evoca milhões de outras (AUGÉ, 1994, p.96).*

Nesse passeio, as imagens se dirigem a todos, sem exceção. O viajante fica dispensado de parar e de olhar ao seu redor (AUGÉ, 1994, p.89). Está seguro do percurso que antecede o retorno à sua casa. Entre placas e avisos, não haverá surpresas nem imprevistos. Somos hipnotizados por um diálogo silencioso entre nós e a paisagem-texto da estação.

O metrô chegou. Escolho um lugar individual; não quero conversa nem troca de olhares com ninguém. Depois de alguns minutos, percebo que finalmente deixei a rua da Ceilândia para trás.

Sigo com o fone de ouvido, os livros apertados nos braços e a cabeça escorada no vidro espesso da janela. Parece que os passageiros fazem de conta que estão sozinhos. Eu também. Então seguimos viagem, compartilhando da mesma solidão coletiva. Olho pela janela e vejo espaços limpos, claros e vazios. Onde estou não faria diferença, exceto pela lembrança do caminho percorrido nas ruas da Ceilândia.

A rota do metrô faz eu me afastar lentamente da cidade. Envolve-me pela solidão

de uma paisagem qualquer desconhecida. Vejo imensos conjuntos de casas, escolas e ruas iluminadas por luzes amarelas. O túnel faz sumir a paisagem urbana e chama o sono do passageiro. Fecho os olhos e deixo os barulhos todos atravessarem meu pensamento, numa entrega comedida.

Quando a paisagem ressurgir, aquelas luzes já estão longe. Não tenho certeza da direção, já perdi o rumo. Mas assim, distantes e silenciosas, decoram a paisagem como pinceladas de luz numa tela impressionista. Quase esqueço que estive lá, junto ao barulho das pessoas amigáveis conversando alto na rua.

O maciço de luzes agora é um risco no horizonte comprido que some na janela de trem. É como num filme antigo bem demorado, daqueles que passam de madrugada na televisão e fazem o sono chegar.

A escuridão da noite passa a ser a paisagem. Ampla, plana e comprida, ela faz a viagem ficar mais longa. Parece que sinto o cheiro frio da noite; um cheiro forte que invade o meu silêncio e acorda meus sentidos.

Olho para o lado: dois garotos se riem embaixo de suas camisetas, nos devaneios da cola de sapateiro.

A parede em mil azulejinhos avisa a chegada. Atento se os garotos não tomaram o mesmo destino que o meu. Aperto o passo sem olhar para trás – não quero que

tenham pensado que estou com medo.

Caminho outro tanto e passo por alguns canteiros de folhagens – serão de plástico? – e algumas lojas. Uma rua de figurantes. Está ali não como um caminho – ou não é digno se chamar como tal –, porque ninguém passeia na estação de metrô. Passeia?

De repente as galerias da estação parecem intermináveis. Não vejo guardas, nem outras pessoas ali. Nem figurantes. Estação nova, lojas vazias. Da estação sou jogada para fora, numa quadra da asa sul do plano piloto. O mesmo escuro, a mesma noite, sob as mesmas luzes altas amarelas, olhei ao meu redor. Ninguém na rua. Nas janelas dos prédios, as luzes opacas denunciavam que pessoas vivem por ali, mas naquele momento os moradores pareciam se esconder entre as grandes árvores da quadra.

Percurso um caminho tão bonito e vazio que pareceria irreal, não fossem as árvores farfalhando com um pouco de vento.

Antes de chegar numa das quadras comerciais das mais badaladas, vêm as imagens sobrepostas do dia.

Vago num pensamento curto e fugidio:

- A que lugar eu pertencço?

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBIER, René. A Pesquisa-Ação. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas vol III).
- \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas vol I).
- \_\_\_\_\_. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Obras escolhidas vol II).
- BRITES, B.; TESSLER, E. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002 (Coleção Visualidade; 4).
- , 2008.
- DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Revista Estudos de Psicologia, 2002, 7(2), 371-378.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MERLEAU-PONTY, R. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- OLIVEIRA JR, Wenceslão Machado de. A cidade (tele) percebida: em busca da atual imagem do urbano. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 1994, 2008.
- VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- ZIM, Aline S. Arte, Educação e Narrativa no Projeja-transiarte: ensaios e fragmentos. Dissertação de Mestrado. Brasília: Fac